

aqui, a última ceia se conecta com as comidas que Jesus celebrou com os homens, com os discípulos, com os pecadores, durante sua vida pública⁵³.

3 - CONCLUSÃO

O efeito desta análise, por mais chocante que seja, tem a finalidade de criar consciência do verdadeiro sentido do comer com Jesus que implica a participação em seu paradoxal caminho de sofrimento, morte e ressurreição. Isto significa uma tentativa de ler o Evangelho de Marcos na ótica da realidade em que hoje vivem as pessoas sob círculos e sistemas sociais dominados pela prática de conflitos provocados (fome, desemprego, pobreza, etc.), levando-as à frustração e à descrença. Assim sendo, é necessário afrontar o esquema mental das intencionalidades e aprofundar os conflitos que revelam os mecanismos sociais de vida ou de morte. Com o esquema comida/conflito, Marcos avança na realidade própria da vida de Jesus, desvendando o “fermento da manipulação humana” que penetrou até mesmo em seu círculo mais estreito de discípulos. Não obstante esta realidade, renasce, na coerência de vida de Jesus, a esperança em

continuar acreditando nos valores cristãos, como amizade, intimidade, partilha, vida e, sobretudo, a relação com Deus, para que seja confirmada a certeza de que, mesmo em meio aos conflitos, Deus também cumpre a sua vontade.

A mesa de refeição é compreendida como uma prática reveladora da consciência de um povo que a ela se abre, encontrando nesta prática a presença de Deus. Tal presença se efetiva em Jesus que torna os gestos da mesa a síntese do que existe de mais humano e mais divino, sendo elevada à altura do sacramento do Cristo (a Eucaristia). A própria comida, que vai ser o dom máximo de sua entrega, não pode ser encarada como uma luta ingênua e idealista, mas uma luta conflitiva, e Marcos confirma isto na vida de Jesus em termos de luta que culmina na mesa de refeição com os discípulos, porque estão em jogo os valores cristãos que perpassam por todo dinamismo sócio, político, econômico e religioso da sociedade.

Pe. César Teixeira é Doutor em Sagrada Escritura pela Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino, Roma, secretário geral e professor na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Email: teologia@teologia-assuncao.br.

O VOCÁBULO “EUCARISTIA” NO NOVO TESTAMENTO

Côn. Dr. Celso Pedro da Silva

Falando de “eucaristia” entende-se, num primeiro momento, que estamos falando da santa missa ou da presença real de Jesus no Santíssimo Sacramento. O vocábulo “eucaristia” que significa, primeiramente, “boa graça” ou “agradecimento”, “gradidão”, é usado entre nós com um significado técnico. Mas é este o significado da palavra no Novo Testamento?

Ela aparece 15 vezes: uma vez nos Atos dos Apóstolos; doze vezes nas cartas paulinas e duas vezes no Apocalipse. Nenhuma vez, portanto, nos evangelhos. Por sua vez, o verbo “eucaristéo” - agradecer, dar graças - já é mais usado. São 37 empregos assim distribuídos: 11 nos Evangelhos; 2 nos Atos; 23 nas Cartas paulinas e 1 no Apocalipse. O adjetivo “eucáristos” encontra-se apenas uma vez em Cl 3,15.

O vocábulo “eucaristia”, em que contexto e com que significado é usado no Novo Testamento?

Apenas uma vez, em At 24,3, o vocábulo é empregado em relação a uma pessoa humana. Em todas as demais, refere-se a Deus.

Entre os anos 62 e 60, Antônio Félix foi procurador da Judéia. Vivia em Cesaréia, sede oficial do procurador romano. São Paulo Apóstolo foi

levado à sua presença para julgamento. O sumo sacerdote Ananias, alguns anciãos e o advogado Tertulo representaram contra Paulo. Tertulo é chamado e começa a sua acusação, dizendo: “Gozando de paz profunda por teu intermédio, e tendo-se processado melhorias para este povo por tua providência, tudo isto reconhecemos, ó excelentíssimo Félix, sempre e em toda parte, com toda a eucaristia”(At 24,2.3). É evidente que o advogado não está se referindo aos mistérios cristãos. Nesta captação inicial de benevolência, ele reconhece com gratidão a boa administração de Félix. Aqui, portanto, o substantivo eucaristia expressa um ato de gratidão para com uma pessoa humana. Significa simplesmente gratidão ou agradecimento.

Escrevendo aos coríntios, em 2Cor 4,15, passagem que conhece muitas traduções, o texto grego diz literalmente: “tudo isso por causa de vós, para que a graça excedendo-se por meio de muitos, multiplique a eucaristia (o agradecimento) ação de graças para a glória de Deus (τα γαρ παιντα δι υμιας ινα η χαρις πλεονασαισα δια των πλειονων την ευχαριστιαν περισσευση εις την δοξαν του θεου).

⁵³ Cf. GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos*, cit., p. 286.

A Bíblia de Jerusalém assim traduz esta passagem: “E tudo isso se realiza em vosso favor, para que a graça, multiplicando-se entre muitos, faça transbordar a ação de graças para a glória de Deus”. E a TEB: “E tudo o que nós vivemos é para vós, a fim de que a graça, crescendo, por uma comunidade acrescida, faça superabundar a ação de graças para a glória de Deus”. Almeida, versão revista e atualizada: “Porque todas as coisas existem por amor de vós, para que a graça, multiplicando-se, torne abundantes as ações de graças por meio de muitos, para glória de Deus”. Almeida, versão revista e corrigida: “Porque tudo isso é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, torne abundante a ação de graças, para glória de Deus”. CNBB: “Tudo isso é por causa de vós, para que a graça tendo aumentado num maior número de pessoas, faça transbordar a ação de graças para a glória de Deus”.

Apesar da diversidade de traduções, o que Paulo diz, em suma é que a crescente difusão da graça de Deus torna-se ocasião de gratidão ou de agradecimento.

A palavra é ainda usada para expressar o ato de dar graças, na primeira carta a Timóteo: “(Nos últimos tempos)...eles proibirão o casamento, exigirão a abstinência de certos alimentos, quando Deus os criou para

serem recebidos com eucaristia (ação de graças) pelos que têm fé e conhecem a verdade. Pois tudo o que Deus criou é bom, e nada é desprezível, se tomado com eucaristia “ação de graças” (1Tm 4,3.4). Tudo o que Deus nos concede deve ser recebido com o coração agradecido. Casamento e alimentos, tudo deve ser acolhido como dom de Deus em nossos corações agradecidos.

Esta passagem parece dizer um pouco mais do que simples agradecimento. Há clara referência ao costume judaico da “beraká”: “Bendito sois vós, Senhor nosso Deus, Rei do Universo, aquele que tira o pão da terra”; “Bendito sois vós, Senhor nosso Deus, Rei do Universo, aquele que cria o fruto da vinha”. Trata-se de uma “bênção”, de bendizer o Senhor, de falar bem de Deus pelos seus dons. Tudo deve ser recebido com “beraká”, tudo deve ser tomado com “beraká”.

O Novo Testamento hebraico, editado pela United Bible Societies, The Bible Society in Israel, traduz “eucaristia” em 1Tm 4,3 por “todá”: o que Deus criou deve ser recebido com “todá”, isto é, com agradecimento. E mais: no versículo seguinte, 1Tm 4,4, “eucaristia” é traduzida por “beraká”: o que se come, come-se com “beraká”. O simples ato de agradecer é ritualizado, segundo os costumes judaicos.

A passagem da coleta, feita em favor dos irmãos necessitados de Jerusalém, será também uma oportunidade de agradecimento. Durante o reinado de Cláudio (41-54) ou no tempo do procurador Tibério Alexandre (46-48), houve uma fome desastrosa em todo o império romano. “Decidiram então os discípulos (de Antioquia), cada um segundo suas posses, enviar contribuições em ajuda aos irmãos que moravam na Judéia (At 11,29). A coleta é feita em outras comunidades, inclusive entre os coríntios. É a eles que Paulo escreve, dizendo que a boa obra da coleta em favor dos irmãos necessitados de Jerusalém é uma ocasião propícia ao agradecimento, à ação de graças: “Sereis enriquecidos de todos os modos, para praticar toda espécie de obras de generosidade, que suscitarão a eucaristia (ação de graças) a Deus por nosso intermédio. Pois o serviço desta coleta não deve apenas satisfazer às necessidades dos santos, mas há de ser ocasião de efusivas eucaristias (ações de graças) a Deus” (2Cor 9,11.12).

Aqui também podemos nos perguntar se a palavra “eucaristia” está sendo usada simplesmente como um ato de agradecimento ou seu significado já tem uma conotação técnica? A generosidade dos coríntios, colaborando com a grande coleta, dará oportunidade a um ato de agradecimento especial. Seria este ato especial,

chamado de “eucaristia”, a congregação da comunidade para agradecer, partindo o pão?

O termo parece mais técnico em 1Cor 14,16. O contexto supõe um pouco mais do que um simples ato de agradecimento. O contexto é litúrgico e a “eucaristia” em questão é uma oração espontânea de louvor, de tipo carismático, feita na assembléia dos fiéis. Diz o texto: “Com efeito, se deres graças apenas com o teu espírito, como poderá o ouvinte não iniciado dizer “Amém” à tua eucaristia (ação de graças), visto que não sabe o que dizes?” A referência, porém, não é à missa como tal ou às espécies consagradas porque supõe que cada um faça a sua “eucaristia” de forma desordenada.

O mesmo se pode dizer de Fl 4,6. Nos conselhos finais da carta, o apóstolo escreve: “Não vos inquieteis com nada; mas apresentai a Deus todas as vossas necessidades pela oração e pela súplica, com eucaristias (ação de graças)”. A gente reza, suplica e agradece ou a gente reza e suplica no momento da sinaxe ou da assembléia “eucarística”?

Assim também em Cl 4,2: “Perseverai na oração, nela vigilantes, em eucaristia (ação de graças)”; estamos falando de uma “ação de graças” por excelência ou de um espírito de gratidão?

O que quer dizer, por exemplo, quando em Ef 5,3.4, o vocábulo “eucaristia” aparece contraposto à “porneia”, “akatharsia”, “pleoneksia”, “aischrótes”, “morologia”? “Fornicação e qualquer impureza ou avareza nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos. Nem ditos indecentes, picantes ou maliciosos, que não convêm, mas antes eucaristia (ação de graças)”. Entre os cristãos não deve existir fornicção, impureza, avareza, indecências, ditos picantes e, sim, eucaristia! Há aqui algo mais do que uma simples oração de agradecimento. O termo tem alguma conotação técnica conhecida dos leitores. Dificilmente se trata da eucaristia tal como a conhecemos hoje, mas o uso técnico do termo começa a dar origem ao significado específico de missa e espécies consagradas.

Em 1Tm 2,1: “Eu recomendo, pois, antes de tudo, que se façam pedidos, orações, súplicas e eucaristias (ações de graças), por todos os homens”. O apóstolo pede que se façam orações de pedido e de agradecimento ou a fração do pão? Novamente o termo parece ter uma conotação técnica. Poderia significar especificamente o ato da fração do pão. A comunidade reza, faz pedidos e súplicas e oferece a “eucaristia” por todos os homens.

A comunidade se reunia para o ensinamento, as orações e a fração do pão mas, certamente, não tinham

a idéia de que o ato de se reunir para a fração pudesse ser “aplicado” em favor de alguém. Se, pois, o termo, tem algo de técnico, mantém seu significado simples de agradecimento. É o significado de “eucaristia” em ITs 3,9: “Como poderíamos render eucaristia (graças) a Deus por vós, pela alegria que nos destes diante de nosso Deus?” e em Cl 2,7: “(...andai em Cristo Jesus) arraigados nele, sobre ele edificados, e apoiados na fé, como aprendestes, e transbordando em eucaristia (ação de graças)”.

Num dos atos de adoração que se sucedem à medida que o Cordeiro vai abrindo os selos do livro, o Apocalipse nos dá uma série de substantivos entre os quais se encontra o vocábulo “eucaristia”. Lemos em Ap 7,12: “Amém. Ao nosso Deus o elogio, a glória, a sabedoria, a eucaristia, a honra, o poder e a força pelos séculos dos séculos. Amém”. Todos estes atributos pertencem ao nosso Deus, tanto quanto expressões do que Ele é em si mesmo, quanto expressões da nossa atitude para com Ele. No centro dos sete atributos está a eucaristia no seu sentido original de “ação de graças”, “ato de agradecimento”, podendo ser traduzida, aqui, por gratidão.

Dar graças e bendizer são intercambiáveis e dizem respeito à bênção da mesa na tradição judaica, como vimos em 1Tm 4,3-4. No entanto, o uso cristão específico de “eu-

caristia” – para significar a celebração da ceia do Senhor – com a consagração do pão e do vinho tornaram pouco a pouco a expressão “bênção” mais distante de seu quadro original. “O cálice da bênção que abençoamos não é comunhão com o sangue de Cristo?”, pergunta São Paulo aos coríntios (1Cor 10,16). A expressão “cálice de bênção”, de “eulogia”, em grego, acabou se tornando de difícil compreensão. Por isso, a versão chamada “peshitta”, do grego para o siríaco, traduz “cálice da bênção” por “cálice da eucaristia”. O uso do termo “eucaristia”, para significar a Ceia do Senhor ou a fração do pão na assembléia cristã, superou o antigo termo judaico de bênção e o simples sentido de ação de graças.

Gradativamente, a comunidade cristã passou a usar a palavra “eucaristia” simplesmente para significar a celebração litúrgica da fração do pão. Dos testemunhos mais antigos, Santo Inácio de Antioquia, em suas cartas às Igrejas, fala de “eucaristia” no mesmo sentido técnico hoje empregado: “Façam, então, um esforço para se encontrarem mais freqüentemente, celebrarem a eucaristia de Deus e oferecerem louvor (IgnEf 13); ou ainda: “Cuidem, pois, de participar de uma eucaristia; porque uma é a Carne de Nosso Senhor Jesus Cristo, e um o cálice que nos une com o seu Sangue, e um o altar, assim como um é o

bispo, assistido pelo presbitério e os diáconos, meus ajudantes. Assim vocês se conformarão em todas suas ações à vontade de Deus” (IgnFil 4).

Santo Inácio entende “eucaristia” já não mais como um simples ato de agradecimento, mas como presença real do Senhor: “Estão distantes da eucaristia e da oração, porque não confessam que a eucaristia é a Carne de nosso Salvador Jesus Cristo que sofreu por nossos pecados (IgnEsm 7). Além disso, a “eucaristia” é vista pelo venerável bispo da Síria como o ato litúrgico por excelência, que implica a autoridade do bispo e a união com ele: “Seja considerada válida a celebração da eucaristia feita de acordo com o bispo ou alguém delegado por ele” (IgnEsm 8)

No Novo Testamento, a expressão mais significativa para dizer o que hoje entendemos por “eucaristia” é fração do pão. Os primeiros cristãos, dizem os Atos dos Apóstolos, “mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2,42). Mais adiante, lemos: “Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração” (At 2,46).

Também aqui a expressão lembra o costume judaico da bênção e da partilha do pão no início da refeição, mas assume nos textos um significado

técnico. Não se trata de uma oração de bênção antes de qualquer refeição e sim de um “partir” especial do pão. Isto se verifica com clareza quando se diz que “no primeiro dia da semana, estando nós reunidos para a fração do pão...” (At 20,7); e mais adiante: “Depois (Paulo) subiu novamente, partiu o pão e comeu...” (At 20,11).

A comunidade reunida realiza a “determinação” deixada por Jesus. Em termos judaicos, trata-se de uma “mitzvá” que deve ser observada. Lucas diz que na ceia da Páscoa, Jesus “tomou um pão, deu graças, partiu e distribuiu-o a eles, dizendo: Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória”. É em memória de Cristo e do que Ele fez que a comunidade continua se reunindo para partir o pão.

Esta ação sempre mais habitual torna-se convicção: “O cálice de bênção que abençoamos não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo?” (1Cor 10,16).

Estamos, pois, diante de um gesto de Cristo, conservado e transmitido pela comunidade cristã das origens; e o gesto é partir o pão depois de dar graças. Escrevendo aos coríntios, Paulo afirma que está transmitindo o que recebeu do Senhor: “Eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti: na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de

dar graças, partiu-o e disse: Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim” (1Cor 11, 23).

O verbo “eucaristéo”, com suas 38 aparições, tem as mesmas implicações do substantivo “eucaristia”. Significa simples agradecer, refere-se à berakhá judaica, equivalente à “eulogia”, e tem as conotações técnicas de uma expressão usada com um significado próprio pela comunidade das origens.

Na multiplicação dos pães, Jesus dá graças antes de partir os pães. “Eucaristéo” aqui equivale a palavra “eulogéo”: “Mandou que a multidão se assentasse pelo chão e, tomando os sete pães, deu graças, partiu-os e deu-os aos seus discípulos para que eles os distribuíssem...” (Mc 8,6). O mesmo escreve Mateus: “tomou os sete pães e os peixes e, depois de dar graças, partiu-os...” (Mt 15,36).

No relato da Ceia, Marcos escreve que “enquanto comiam, Jesus tomou um pão, abençoou, partiu-o” (Mc 14, 22). O texto paralelo de Mateus diz a mesma coisa em relação ao cálice: “Depois tomou um cálice e, dando graças, deu-lho dizendo...” (Mt 26,27). Em Lucas: “...tomando um cálice, deu graças e disse” “...tomou um pão, deu graças, partiu...” (Lc 22,17.19). Nestes casos, o normal seria usar os verbos “bem dizer” (eulogéo). Mas é o verbo “eucaristéo” que é usado. Daí o vocábulo próprio dos cristãos, “eucaris-

tia”, para designar a Ceia do Senhor.

Em Lucas, um dos dez leprosos curados volta para agradecer (Lc 17,16); o fariseu dá graças porque não é como o resto dos homens (Lc 18,1).

Portanto, nos Sinóticos, o verbo tem o significado judaico da bênção nas refeições ou simplesmente o significado de “agradecer”.

Em São João, repete-se o “dar graças” na multiplicação dos pães (6,11.23); e Jesus agradece ao Pai na ressurreição de Lázaro: “Pai, dou-te graças porque me ouvistes...” (Jo 11,41). Não há outros usos do verbo “dar graças”, eucaristéo, nos Evangelhos.

Nos Atos, Paulo abençoa o pão, e bendiz a Deus pelo pão e o come, na mais genuína tradição judaica, embora o texto pareça evocar o rito eucarístico (At 27,35). Assim também ao chegar em Roma. Os irmãos daquela cidade vão ao encontro de Paulo e seus companheiros. “Ao vê-los, Paulo deu graças a Deus e sentiu-se encorajado”. Este participio aoristo ativo, “eukaristésas” significa, simplesmente, que Paulo agradeceu a Deus pelos irmãos que vieram até ele ou significa que ele celebrou a eucaristia, partindo o pão com os irmãos, e depois sentiu-se encorajado?

No Apocalipse o texto é claramente de agradecimento: “Nós te damos graças, Senhor, Deus todo-poderoso (Ap 11,17).

Todos os demais empregos do verbo “eucaristéo” estão nas cartas paulinas: 23 ao todo, ou 24 conforme se leia Rm 7,25.

Paulo agradece a Deus por causa da comunidade cristã (Rm 1,8; 16,4; 1Cor 1,4; Ef 1,16; Fl 1,3; Cl 1,3.12; 1Ts 1,2; 2,13; 2Ts 1,3; 2,13; Fm 1,4); agradece a Deus pelo dom das línguas (1Cor 14,18); por não ter batizado ninguém em Corinto (1Cor 1,14); os pagãos, porém, não agradecem a Deus (Rm 1,21).

Fala da beraká judaica: “Quem distingue entre dia e dia, para o Senhor o faz; e quem come, para o Senhor come, porque dá graças a Deus; e quem não come, para o Senhor não come e dá graças a Deus” (Rm 14,6; 1Cor 10,30).

Relembra a Ceia, na qual Jesus dá graças e parte o pão (1Cor 11,24); e refere-se à oração de ação de graças feita fora de ordem na comunidade. Termo bastante técnico, aparentado com o uso litúrgico da eucaristia (1Cor 14,17). Ainda dentro de um contexto litúrgico, incentiva a comunidade a dar sempre graças a Deus (Ef 5,20; 1Ts 5,18). Tudo o que se diz e se faz, deve ser feito em nome de Jesus, por Ele dando graças a Deus, o Pai (Cl 3,17).

Enfim, em 2Cor 1,10.11, Paulo escreve: "Foi ele que nos libertou de tal morte e dela nos libertará; nele colocamos a esperança de que ainda nos libertará da morte. Vós colaborareis para tanto mediante a vossa prece; assim, a graça que obtemos pela intercessão de muitas pessoas suscitará a ação de graças de muitos em nosso favor. A intercessão dos coríntios em suas preces alcançará para Paulo a graça da libertação da morte e isso será ocasião de agradecimento para muitas pessoas.

Eucaristia, que significa originariamente agradecimento, passou a significar bendizer, dizer bem ou falar bem, pela proximidade com o verbo "eulogéo". Daí a palavra "bênção" em português, tradução da beraká hebraica com o sentido de bendizer a Deus antes de tudo.

Relacionando-se à mesa, a beraká eucarística da Ceia do Senhor terá pouco a pouco um significado técnico e indicará simplesmente a fração do

pão celebrada ritualmente pela comunidade em suas assembléias. Mais tarde, além da celebração, significará também o fruto da celebração que são as espécies consagradas.

O conteúdo de ação de graças perdura. É a atitude básica fundamental de quem está diante do Senhor. A oferta de Cristo ao Pai é uma oferta de agradecimento, e assim será tudo na vida do cristão que "dá graças a Deus por sua imensa glória". O cristão bendiz a Deus por ser Ele quem é e dá graças pela grandiosidade de sua glória, antes de agradecer pelos benefícios recebidos.

Côn. Dr. Celso Pedro da Silva é professor e coordenador do Departamento de Pós-Graduação em Estudos Bíblicos na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

A EUCARISTIA NOS PADRES DA IGREJA

Pe. Vicente de Paulo Moreira

1. INTRODUÇÃO

A palavra eucaristia é um termo grego que, de "ação de graças", passa a designar a ceia eucarística, a bênção consacratória, os elementos sacramentais, enfim, a própria ação eucarística. A primeira palavra cristã usada para designar eucaristia parece ter sido *fractio panis*. Este termo nós o encontramos no evangelho de Lucas e nos Atos dos Apóstolos¹. A "fração do pão" não seria como um rito preparatório ao banquete, mas sim como um conjunto independente, como uma ação completa e autônoma. Por metonímia, este gesto que dá início à refeição, ligado à eucaristia, indica a ação completa.

2. EVOLUÇÃO E SIGNIFICADO DA EUCARISTIA NOS PADRES DA IGREJA

Santo Inácio de Antioquia conhece e usa como termo técnico "eucaristia"², talvez também "agapé", pela correspondência com o batismo. São

Justino utiliza este mesmo termo seja pela eucaristia-oração, seja pela eucaristia-alimento; adota também, voluntariamente, o termo "anamnesis"³, onde ele recorre, algumas vezes, a São João Crisóstomo e às liturgias anteriores. Ele nos fornece a primeira descrição da eucaristia a propósito do batismo e do domingo: "Lê-se as memórias dos apóstolos e os escritos proféticos; quem preside pronuncia uma homilia de exortação. Todos levantam-se para a oração comum. Traz-se o pão e o vinho com a água. Quem preside recita a oração de agradecimento que consagra, à qual todos respondem: Amém. São distribuídos os alimentos eucarísticos, sem esquecer os ausentes. A eucaristia dominical é "anamnesis" de toda a história, desde a criação até a redenção pela salvação. Esta deve concluir-se, com uma vida, conforme os preceitos do Senhor"⁴.

Nos primeiros séculos do cristianismo, a *fractio panis* fazia parte do culto, juntamente com a pregação dos

¹ Cf. At. 2, 42. 46; Lc 24, 30. 35.

² Cf. Eph. 23, 1; Phil. 4; Smyr. 7, 1; 8, 1.

³ Cf. Dial. 41, 1; 70, 4; 117, 3.m

⁴ Cf. I Apol., 65 e 67.